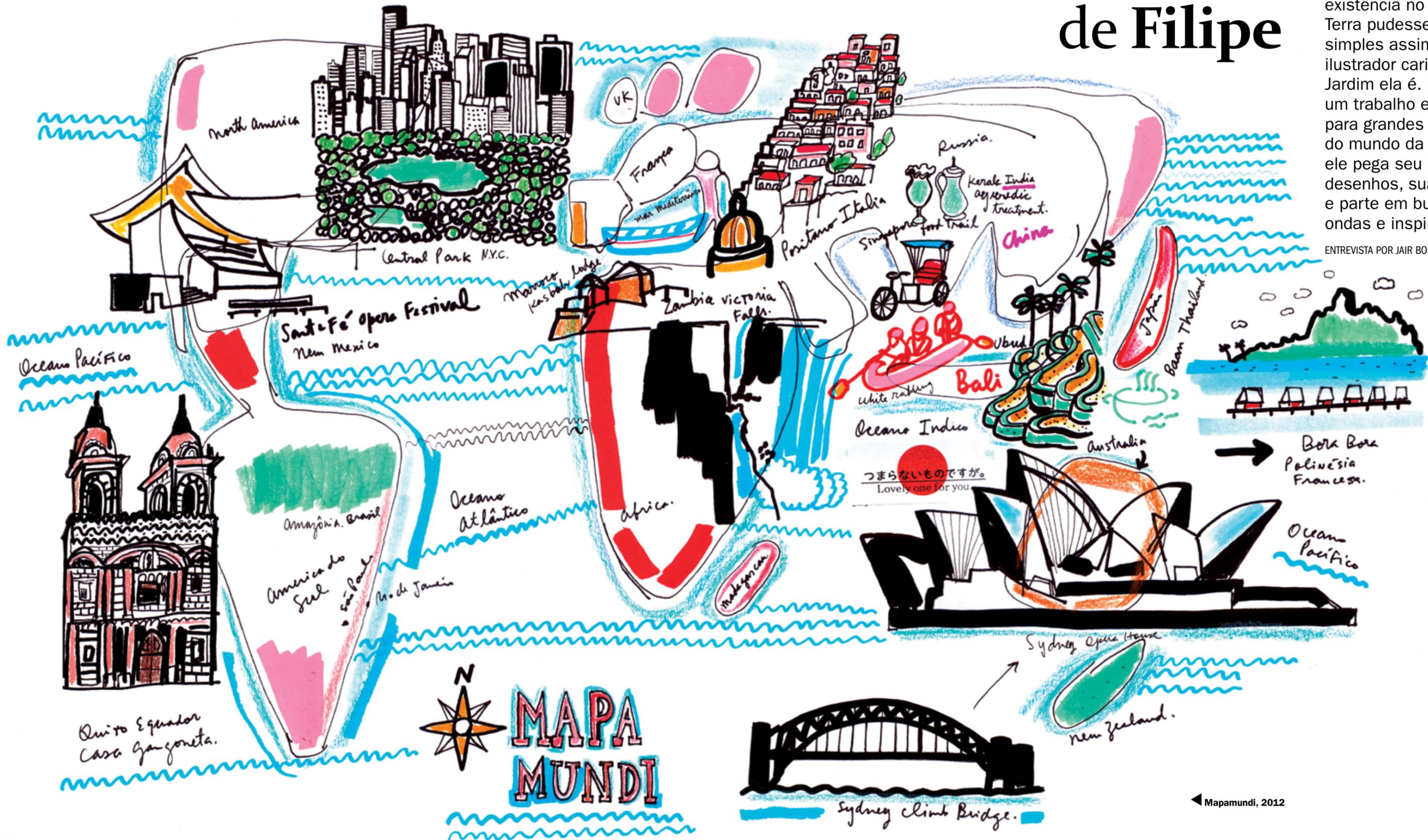


O Mundo de Filipe

Desenhar, viajar e surfar. Como seria bom se a existência no planeta Terra pudesse ser tão simples assim. Para o ilustrador carioca Filipe Jardim ela é. Entre um trabalho e outro para grandes marcas do mundo da moda, ele pega seu bloco de desenhos, sua prancha, e parte em busca de ondas e inspiração.

ENTREVISTA POR JAIR BORTOLETO

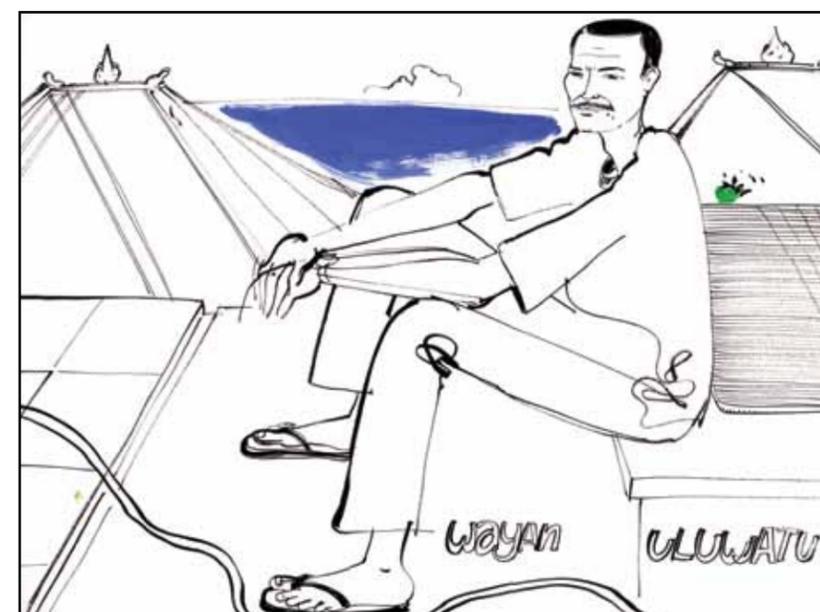


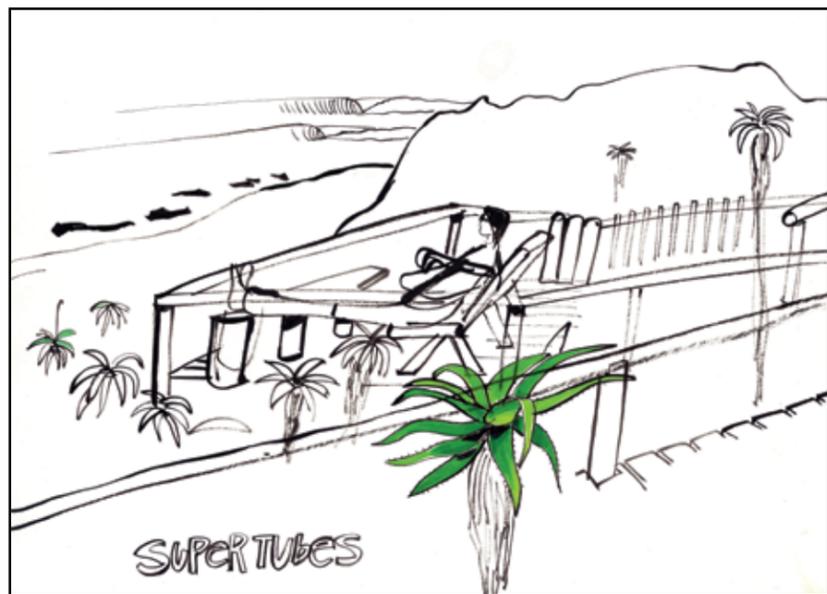


◀ Villa Cantik, Bali, 2005

▼ Casa do Pedro, Uluwatu, Bali, 2005

▼ Wayan, Uluwatu, Bali, 2005





Legend's house - Supertubes, Jeffreysbaai, África do Sul, 2005 ▲
 Supertubes, Jeffreysbaai, África do Sul, 2005 ▲
 Casa do Derek Hynd, África do Sul, 2005 ▶



Jair Bortoleto – Como e aonde você começou a pegar onda?

Filipe Jardim – Como muitos cariocas, comecei com pranchas de isopor nas idas à praia com a família, bem moleque. Lembro-me que elas se quebravam facilmente nos quebra-cocos de Ipanema, Copacabana. Ali no início da adolescência, com 12, 13 anos, comecei a ir à praia com os amigos em Ipanema, em frente ao Country, Posto 10. Naquela época frequentava o Fluminense pra nadar, jogar futebol de salão, mas depois que entubei de jacaré pela primeira vez, nunca mais quis saber de clube, só pra torcer, lógico, e quadras, só as de samba. Tinha uma turma boa que surfava os tubos rápidos de Ipanema. Os irmãos Villas Boas, Vavá, Giló, Braz Barros, Flavio Ceppas Ligo-Ligo e outros. Tinha um amigo meu da escola, o Ricardo Peixinho, que surfava com uma novidade da época, no início dos

anos 80, um Morey Boogie. Algumas vezes ele me emprestava e logo dei um jeito de trocar um Atari por um Morey e uns pés de pato Voit, em transações feitas pelo jornal Balcão. Do Morey pras pranchas foi um pulo. Era a época do programa Realce e dos saraus com projeções de filmes no colégio São Vicente. Pra quem vinha de um ambiente tipicamente classe média, com seus valores de emprego, carreira, família, aquela turma cabeluda que aparecia nos filmes, sempre acompanhada de meninas douradas, surfando e viajando pelo mundo em busca de ondas perfeitas em lugares exóticos e distantes, parecia uma alternativa mais do que sedutora. Especialmente para quem sempre gostou de aventuras e arte. Mesmo sem talento ou habilidade, me apaixonei por aquele estilo de vida.

Jair – O que é o surfe para você?

Filipe – Mais de 35 anos depois do primeiro tubo de

CHICO LINO



jacaré, acho que eu surfo pra perpetuar aquela sensação que é estar em contato profundo com a natureza. Surfo para escapar da rotina, pra conhecer novos lugares, novas formas de viver, para fazer novos amigos, sentir cheiros, luzes, sabores, pra ter certeza que não somos nada diante da força da natureza, isso depois de muitos caldos! Também para dividir a alegria de surfar ondas com pessoas desconhecidas que estão ali pelo mesmo prazer. Pra dividir uma cerveja com amigos do peito depois de alguma surfada inesquecível. Surfo pela sensação de liberdade.

Jair – Como você começou a trabalhar com moda?

Filipe – Já fazia diários de viagem desde a época da Belas Artes, mas não sabia que a Louis Vuitton tinha um projeto de publicações de *carnets de voyage* de cidades. Uma amiga, Mariana Massarani, me mostrou um dos *carnets* e fui numa loja ver os outros, me apresentar e tal. Mandeí vários diários de viagem pessoais para a sede da empresa em Paris me oferecendo para fazer o do Rio, sem saber que o Rio de Janeiro já estava disputando com outras cidades. O Rio venceu e fui escolhido para fazer. O sonho se tornou realidade. Pela primeira vez estava sendo bem pago para desenhar livremente. O projeto foi lançado em várias cidades do mundo, e a partir ⇨



RICARDO VILLAS-BOAS

▲ Ilha de Pascoa, 2005

▲ Desenhando na Ilha de Pascoa, 2005

◀ Surfando em El Cañon, Galápagos, 2008



Madagascar, 2005/06

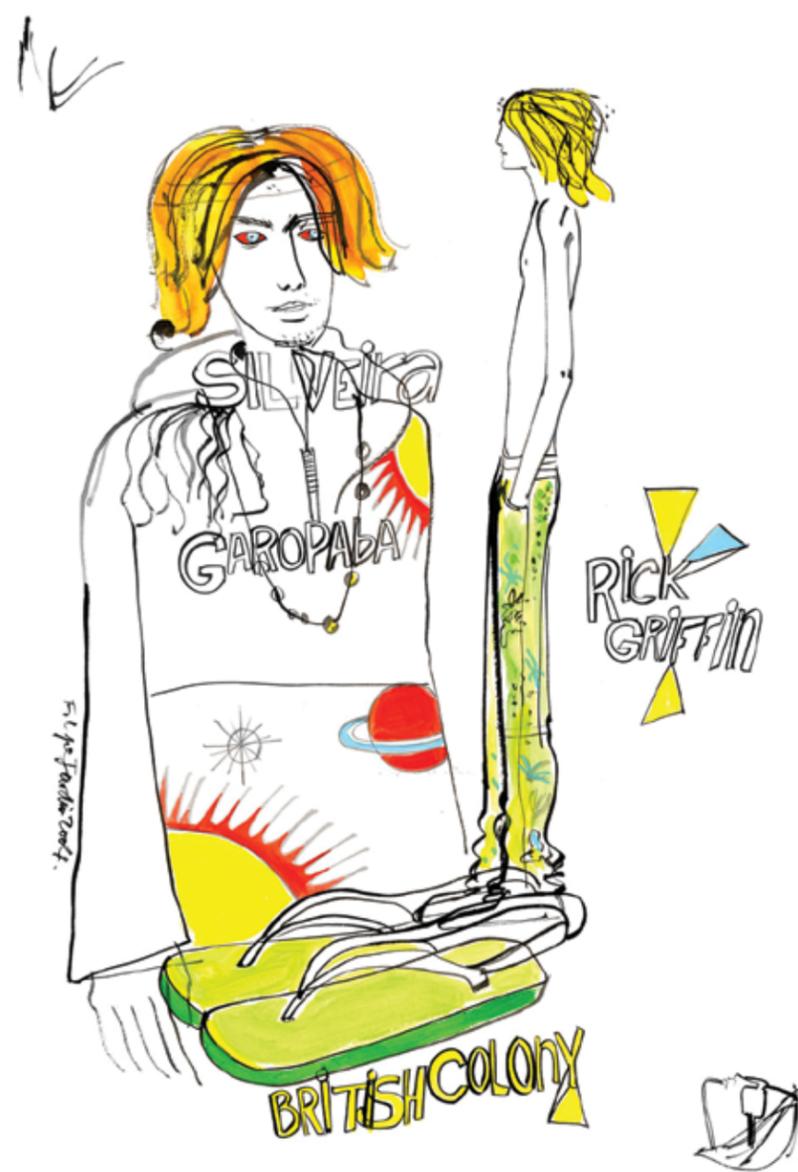


SURF NO TOLO. ANAKAO. JUN. 2006.

Folhas, Coleção Fórum Sombras, Alto da Boa Vista, Rio, 2011 ▼

◀ Fernanda Lima desfilando para Fórum, 2011





British Colony, Backstage SPFW, São Paulo, 2004



Amazônia, 2009

daí, outras empresas bacanas começaram a me chamar para projetos interessantes.

Jair – *Em algum momento do seu processo criativo você usa o surfe como forma de inspiração?*

Filipe – Diretamente não, talvez no inconsciente por todas as sensações descritas anteriormente. Na moda você tem a possibilidade de expandir os horizontes, trabalhando com vários formatos e texturas. Talvez a abertura de espírito, proporcionada por tantas viagens e culturas, ajude na criatividade.

Jair – *Seu trabalho te possibilita viajar bastante. Você aproveita pra pegar onda? Qual seu lugar preferido?*

Filipe – Há certa contradição, pois meus melhores trabalhos vêm das grandes cidades, onde não há surfe, onde as relações são muito mais urbanas, cosmopolitas e

culturalmente sofisticadas. Então me equilibrar entre os dois universos. A internet proporciona a possibilidade de continuar a desenvolver grandes projetos de qualquer lugar. Dá para unir os três prazeres: desenhar, viajar e surfar. Como morei muitos anos na Europa, gosto muito do Sudoeste da França e nos últimos três anos tenho passado alguns meses no Havaí. Mas o Rio de Janeiro também é uma excelente base, pois ainda une a nossa incrível cultura brasileira, música, cinema, amigos e família.

Jair – *Você é um legítimo carioca. Acha que toda essa sua “carioquise” ajudou em seu trabalho?*

Filipe – Sim, o Rio é uma cidade que oferece um pouco de tudo, dos programas culturais mais sofisticados, passando pelos mais populares e unindo isso tudo à praia e à paisagem. Também foi a única cidade do mundo colonial que virou sede da corte portuguesa, expulsa da Europa

por uma possível invasão de Napoleão no século XVIII. Quando eles chegaram em 1808, metade da população era de escravos. Acho que esse contraste, ainda muito presente, é a marca da cidade.

Jair – *Você está no Havaí enquanto fazemos essa matéria. Qual sua relação com o Havaí?*

Filipe – Por causa dos filmes e das fotos das ondas enormes, sempre descartei uma viagem para cá, pois não tenho nem talento, nem coragem para ondas grandes ou pequenas. Porém, um grande amigo me convenceu de que eu iria gostar. E realmente tem muitos e muitos dias no inverno com mar pequeno e médio. Ao mesmo tempo tudo é muito tranquilo. Há algo realmente poderoso nestas ilhas, algo relacionado com a força da ondas, os vulcões, cachoeiras, áreas secas, cavernas, florestas e praias desertas. Também existe a he-

rança do povo havaiano que estava aqui muito antes do Capitão Cook. Ainda se mantém hábitos e sabedoria milenar bem no meio Oceano Pacífico.

Jair – *Eu li que você tem paixão por fotografia. O que te inspira e o que busca em suas fotos?*

Filipe – A liberdade absoluta, pois não é uma trabalho pra mim. O desenho, bem ou mal, é um trabalho, vivo disso, então nem sempre é só prazer. É preciso lidar com prazos, clientes etc. Na fotografia, é só prazer.

Jair – *No que está trabalhando agora e o que pretende fazer no futuro?*

Filipe – No momento estou trabalhando na edição de dois livros. Um para uma editora no Japão e outro sobre os 10 anos de colaboração nos backstages do SPFW. Mas o grande projeto é viver bem, pegar muitas ondas boas, seguir atrás dos sonhos e continuar desenhando, sempre! ■